

“Mãos de Majorlândia – Histórias de Artesãos do Litoral de Aracati”: Uma Grande Reportagem¹

Michelly Maia SILVA²

Isaiana Carla Pereira dos SANTOS³

Paula Beatriz Ribeiro FLORIANO⁴

Ygo Prudêncio MAIA⁵

Esdras Marchezan SALES⁶

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Mesmo com a crise do jornal impresso, o meio ainda é uma ferramenta eficaz para se contar boas histórias. Desta forma, estudantes de jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern) produziram a grande reportagem *Mãos de Majorlândia: histórias de artesãos do litoral de Aracati*, com o objetivo de abrir espaço para pessoas anônimas mostrarem seus trabalhos e experiências de vida. Os estudos de autores como Nilson Lage (2003), Ricardo Noblat (2004), dentre outros, a respeito da prática jornalística, serviram como base para a execução do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: jornal impresso; grande reportagem; artesanato; Majorlândia.

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o jornal impresso enfrenta uma grave crise. Há uma série de fatores que contribui para isso, um deles é a forte presença da internet na vida das pessoas. “A internet bombardeia uma audiência que passa cada vez mais horas na frente do computador com notícias em tempo quase real” (SANT’ANNA, 2008, p. 37).

E o que os jornais têm feito para atender às demandas dos leitores? Este é um questionamento feito por Ricardo Noblat (2004) e que nós consideramos importante refletir a respeito. O autor acredita que uma das saídas é apostar em bons conteúdos. “Somente uma mudança radical de conteúdo, aqui e em qualquer outro lugar, será capaz de prolongar a lenta agonia dos jornais” (NOBLAT, 2004, p. 17).

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Reportagem em Jornalismo impresso.

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: michellymaiaa@gmail.com.

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: isaiana.carla@hotmail.com.

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: paularfloriano@gmail.com.

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social (habilitação em Jornalismo), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: ygo_p_maia@hotmail.com.

⁶ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern), email: esdrasmarchezansales@gmail.com.

A partir desta e de outras reflexões sobre o jornalismo praticado hoje no Brasil, surgiu a grande reportagem *Mãos de Majorlândia: histórias de artesãos do litoral de Aracati*. Majorlândia era uma antiga vila de pescadores, que se desenvolveu e hoje é um dos destinos mais procurados do litoral leste cearense. Está situada a 12 km do município de Aracati, ao qual pertence, 170 km de Fortaleza e 6 km de Canoa Quebrada, praia vizinha. O lugar recebeu esse nome, que significa “Terra do Major”, porque foi fundado pelo major Bruno da Silva Figueiredo, em 1937⁷.

A praia também é bastante conhecida pela arte com areias coloridas, retiradas das próprias dunas e falésias do local. Além disso, reúne artesãos que trabalham com renda, búzios, palha, dentre outros materiais. A profissão de artesão foi regulamentada em 22 de outubro de 2015 (Lei nº 13.180)⁸, mas observamos que os artistas não recebem o devido valor, fato que nos instigou a produzir uma reportagem especial sobre o tema.

Inicialmente, a reportagem foi desenvolvida dentro da disciplina de Agência Experimental em Jornalismo (7º período), na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern). Em seguida, expandimos o projeto e realizamos as adaptações necessárias para adequá-lo à mídia impressa. Para isso, fomos orientados pelo professor da disciplina de Jornalismo Impresso (5º período), que durante as aulas sempre incentivou a produção de reportagens aprofundadas.

2 OBJETIVO

Partimos de um objetivo bem definido desde a escolha da pauta: levar boas histórias aos leitores. Para isso, escolhemos produzir uma reportagem especial, para tratarmos com profundidade o tema artesanato em suas diversas formas. A intenção da equipe ao produzir esse material jornalístico foi também dar visibilidade ao trabalho dos artesãos, abrindo, assim, espaço para os testemunhos anônimos, que geralmente são pouco explorados nos jornais diários.

3 JUSTIFICATIVA

A primeira motivação para a escolha da pauta foi o fato de os membros da equipe serem aracatienses. O conhecimento prévio sobre a praia de Majorlândia teve grande

⁷ **O Major e a Majorlândia**. Disponível em: < <http://historiasdoaracati.blogspot.com.br/2011/12/o-major-e-majorlandia.html> >. Acesso em: 30 abr. 2016.

⁸ **Dispõe sobre a profissão e dá outras providências**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13180.htm >. Acesso em: 30 abr. 2016.

importância no início do processo, assim como o nosso desejo de valorizar os artesãos locais, pessoas comuns que não costumam ter visibilidade na grande mídia, que preza em sua maioria por reportagens factuais. “Estão lá pormenores da notícia, declarações de entrevistados, dados estatísticos. Em essência, constituem trabalho descritivo. A maior parte do material publicado pelos jornais diários aparece nesse formato” (SALVADOR & SQUARISI, 2012, p. 55).

Escolhemos produzir uma reportagem especial, pois queríamos nos aprofundar em um assunto específico (o artesanato), que além de ter raízes fortes na nossa região, é atemporal – característica que viabiliza sua publicação em um caderno de domingo, por exemplo, dia da semana em que os jornais optam por matérias frias e mais elaboradas. “A [reportagem] especial pede redação elaborada, fora dos padrões utilizados nas coberturas do dia a dia. De preferência, com descrições minuciosas e boa dose de emoção” (SALVADOR & SQUARISI, 2012, p. 60).

Com relação ao jornal impresso, como já foi exposto, sabemos que ele vive um momento difícil, situação que Lourival Sant’anna já apontava em 2008:

Com o aumento da variedade de meios disponíveis, com as rápidas mudanças tecnológicas, os meios de comunicação não se podem fiar apenas em “hábitos” ou mesmo em sentimentos de “obrigação” por parte dos consumidores. É preciso que eles estejam constantemente conquistando seu público (SANT’ANNA, 2008, p. 59).

Mesmo observando este atual cenário de crise pelo qual o jornal impresso está passando, ainda consideramos viável produzir a grande reportagem *Mãos de Majorlândia: histórias de artesãos do litoral de Aracati*, voltada para este meio, pois acreditamos em seu potencial para levarmos boas histórias aos nossos leitores.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Escolhida a pauta, fomos à procura de bons personagens, peças fundamentais em uma reportagem. “Incluí-los no texto humaniza uma descrição fria, dá nome, endereço e identidade a um acontecimento” (SALVADOR & SQUARISI, 2012, p. 73).

Em seguida, iniciamos o processo de entrevistas. Para isso, anotamos os contatos de todos os personagens. No entanto, em momento algum tivemos a intenção de entrevistá-los por telefone. Temos conhecimento de que “o telefone é um meio útil para a apuração de informações, mas suprime algumas condições facilitadoras da entrevista, tais como o ambiente controlado e a presença do outro” (LAGE, 2003, p. 78).

Desta forma, as entrevistas foram realizadas olho no olho, com a presença de todos os membros da equipe em cada uma delas. Nossa proposta foi “ressaltar a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida” (LAGE, 2003, p. 75).

Transcrevemos as gravações e também recorremos aos blocos de notas (que continham as informações adicionais), bem como à memória e à sensibilidade do grupo para começar a escrever a reportagem, dando o devido destaque a cada um dos personagens.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

A grande reportagem *Mãos de Majorlândia: histórias de artesãos do litoral de Aracati* apresenta as histórias de quatro personagens, além de apresentar um panorama geral sobre a prática do artesanato em Majorlândia e informações sobre o lugar. Escolhemos quatro artesãos que trabalham com materiais diferentes:

- Dona Bernadete: uma mulher batalhadora de 56 anos, que trabalha com palha de carnaúba desde criança para ajudar em casa.
- Dona Bia: uma labirinteira de 73 anos que ainda sonha montar um negócio que una gastronomia e artesanato, suas duas grandes paixões.
- Fernando “Pisca”: neto da criadora do artesanato em areia colorida, o artesão de 57 anos mantém viva a tradicional e mais conhecida arte de Majorlândia.
- Juma: tem 28 anos e é uma das poucas artesãs nativas que trabalha com búzios e, com essa arte, ela sonha com um futuro promissor para a filha de 1 ano.

Os textos seguiram o esquema da pirâmide invertida: “alimenta-se o início da matéria com os fatos mais relevantes, e o conteúdo dos parágrafos que se seguem vai decrescendo em importância” (GARCIA, 2005, p. 35). Apesar de conhecermos as fórmulas usadas em textos jornalísticos, buscamos não nos prender a elas.

Escolhemos Dona Bernadete como a personagem principal da reportagem, com fotografias ocupando maior espaço nas páginas, inclusive na capa do caderno. Para os demais personagens, optamos pelo uso de retrancas expandidas, para que pudéssemos contar suas histórias com o devido aprofundamento. A reportagem trata de um único tema,

mas os textos são independentes. Assim, o leitor pode escolher apenas a história que mais lhe interessar ou fazer uma leitura não-linear, sem que haja prejuízo na compreensão. Sobre o uso de retrancas, Garcia (2005) diz:

Cada parte precisa ter vida própria, mas é defeito grave repetir dados que já aparecem em outras [...]. Uma fórmula que funciona é fazer um **lead** abrangente (ou “lidão”) apresentando todo o assunto. Muitos leitores, sem tempo ou paciência para ler tudo, ficarão satisfeitos com essa abertura e mais uma ou outra retranca que lhes atrair a atenção (GARCIA, 2005, p. 37, negrito do autor).

No que diz respeito à maneira como as entrevistas foram apresentadas na reportagem, seguimos as características próprias do jornalismo impresso.

Selecionam-se as proposições mais relevantes dentre aquelas das respostas, ordenam-se da mais relevante para a menos relevante e transcrevem-se nessa ordem, intercalando as informações ambientais [...] e procurando alternar discurso direto e indireto. Podem-se substituir palavras e expressões, desde que não estejam entre aspas, mantendo o sentido da fala do entrevistado (LAGE, 2003, p. 84).

A escolha das fotografias também foi parte importante do trabalho. A capa do caderno especial traz uma foto de destaque das mãos de Dona Bernadete e, ao todo, a reportagem apresenta 11 fotos, número que consideramos ideal para atrair visualmente os leitores.

Por fim, decidimos em conjunto a escolha dos títulos para as retrancas. Neste momento, buscamos resumir em poucas palavras a história de cada artesão: Dona Bernadete (Suor que escorre na palha); Dona Bia (Tecendo sonhos em labirinto); Fernando “Pisca” (Arte colorindo gerações) e Juma (Filha dos búzios).

6 CONSIDERAÇÕES

Produzir a grande reportagem *Mãos de Majorlândia: histórias de artesãos do litoral de Aracati* nos trouxe muito aprendizado sobre a vivência jornalística, mas também várias lições com os personagens que entrevistamos. Foi muito satisfatório dar voz àquelas pessoas que nos receberam de braços abertos e compartilharam conosco suas experiências de vida.

Vivenciamos um momento em que os jornais impressos estão saindo de circulação e vários profissionais estão sendo demitidos. Em Mossoró, por exemplo, cidade onde se localiza o Campus Central da Uern, a crise atingiu o jornal *O Mossoroense*, o terceiro mais

antigo do país, que recentemente extinguiu a versão impressa e agora sobrevive apenas na web.

Não temos certeza absoluta de que o jornal impresso irá acabar, mesmo que a situação caminhe para isso. No entanto, enquanto ele ainda resiste, podemos explorar suas potencialidades, apostando em reportagens especiais. Acreditamos que o jornal em papel possa ser uma opção para os novos e velhos leitores que habitam o mesmo espaço em tempos de convergência midiática. Essa foi a proposta do nosso trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei n. 13.180, de 22 de outubro de 2015. Dispõe sobre a profissão e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 out. 2015. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13180.htm >. Acesso em: 30 abr. 2016.

FREITAS, V. **O Major e a Majorlândia**. Aracati, 11 dez. 2011. Disponível em: < <http://historiasdoaracati.blogspot.com.br/2011/12/o-major-e-majorlandia.html> >. Acesso em: 30 abr. 2016.

GARCIA, L (Org.). **O Globo**: manual de redação e estilo. 29. ed. rev. e ampl. São Paulo: Globo, 2005.

LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SALVADOR, A.; SQUARISI, D. **A arte de escrever bem**: um guia para jornalistas e profissionais do texto. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SANT'ANNA, L. **O destino do jornal**: a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo na sociedade da informação. Rio de Janeiro: Record, 2008.